

Os amigos do sr. Bernardino de Campos não quizeram comprehender que estavam deante de um daquelles casos em que o-silencio é ouro. Os resultados não se estão fazendo esperar: depois da illogica e rabulesca defeza do *Correio Paulistano*, orgão official do Estado, começam a apparecer as contestações no proprio Estado de S. Paulo: levanta-se o dr. Julio de Mesquita apontando as visiveis mentiras do artigo publicado por aquelle jornal e, no mesmo dia, surgem os drs. Antonio Mercado e Adolpho Gordo mostrando contradicções flagrantes na absurda contrariedade ao bem documentado libello do deputado Alfredo Varela.

Provas como as que foram exhibidas na Camara são indestructiveis e não ha jogo de palavras, por mais habilmente feito, que consiga anniquilar-lhes os effeitos. O sr. Bernardino de Campos é homem que jámais se poderá justificar perante o paiz, porque tem um passado de que surge a mais tremenda condemnação. Os factos estão mostrando a verdade e contra esta não ha defeza possivel.

Os advogados criminaes, quando vêm a causa perdida, costumam appellar para a sentimentalidade e então, ou pintam o réu como um desgraçado, vivendo ao desamparo, sem um amigo que lhe estenda a mão, ou dizem-n'o unico arrimo de uma familia infeliz, que morrerá de fome si elle chegar ao carcere. O sr. Bernardino de Campos está, *mutatis mutandi*, nestas condições.

Aos seus advogados cumpria lembrar a enfermidade do presidente de S. Paulo, a situação difficil em que se vae elle achar, perdendo o governo e a cadeira senatorial, para que se voltavam todas as suas esperanças. Talvez o recordar destas desgraças amenizasse um pouco a inapagavel impressão deixada pelas provas apresentadas na Camara. Era esse, no caso, o mais sensato expediente.

Vejamos si o sr. Alvaro de Carvalho se aproveita agora do conselho.